MÚSICA COMO TRABALHO: ESTUDO SOBRE O COTIDIANO E AS RELAÇÕES SOCIAIS DE TRABALHO NAS ORQUESTRAS SINFÔNICAS

Cauã Silva Lopes (PIBIC), Eide Sandra Azevedo Abreu (orientadora). E-mail: esaabreu@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR

Área e subárea do conhecimento: Sociologia / Outras Sociologias Específicas

Palavras-chave: relações de trabalho; sociologia da música; sociologia do trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar o cotidiano, particularmente as relações sociais de trabalho no ambiente das orquestras sinfônicas. Partimos da hipótese de que as orquestras e seus membros podem não estar imunes às condições sociais de trabalho da sociedade capitalista, sendo possivelmente submetidos a problemas semelhantes aos que se encontram em outros setores produtivos. Pretendemos aprofundar a reflexão em torno da pergunta: como as relações de trabalho acontecem e influenciam o cotidiano da vida do musicista? Em busca de respostas, realizamos pesquisa qualitativa envolvendo entrevistas abertas, juntamente com estudo de bibliografia pertinente ao tema. No decorrer da pesquisa, identificamos que o modelo hierárquico dessas instituições enseja a intensificação do sentimento de competitividade entre os artistas e, também, da fixação do imaginário produtivista em suas mentes. Por fim, percebemos que o músico é influenciado pela orquestra e a orquestra é influenciada pelo músico, engendrando relações de trabalho singulares, mas, *pari passu*, mescladas aos valores capitalistas introjetados pelos musicistas.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar as relações de trabalho no mundo da música erudita, buscando desmistificar a fantasia romântica relacionada ao conceito de “artista”, considerando o músico como trabalhador. A preocupação com esse tema surgiu de uma associação entre as questões com que entramos em contato no curso de graduação e a nossa experiência anterior como musicista. Nos anos em que vimos atuando como violinista temos nos deparado com situações diversas no mundo da música, principalmente relacionadas à música como ofício.

Conforme a socióloga Liliana Segnini, o mundo da música erudita é exemplo de como “as desigualdades se instituem nas relações sociais e, ideologicamente, tendem a se apresentar como se fossem naturais” (Segnini, 2010, p. 9). Dentro desse mundo, é senso comum a ideia de que musicistas precisam praticar incansavelmente, em prol de uma melhor performance, sendo aquele que mais pratica considerado como o mais qualificado, algo semelhante à glorificação do trabalho que, segundo o historiador Edgar de Decca, teve sua fixação no imaginário do trabalhador no decorrer da consolidação da sociedade burguesa (Decca, 1982, p. 8).

Em um mundo onde a arte é tratada como mercadoria e é afetada pela racionalização produtivista, o músico é um mero trabalhador vendendo sua força de trabalho, e não um gênio com destino traçado pelos deuses. Nessa realidade parece-nos importante o estudo da música levando em consideração as relações de trabalho características de nossa sociedade.

Pretendemos problematizar diversas formas de idealização do sentido da arte, através do estudo das relações de trabalho das orquestras sinfônicas, realizando entrevistas com músicos, com a intenção de verdadeiramente escutar suas palavras e aprender com elas, para entendermos esse mundo – visto como quase "místico" por quem está de fora – em sua materialidade cotidiana.

Para fundamentar nosso estudo, nos baseamos principalmente nos trabalhos já realizados por estudiosos que se dedicam ao campo da sociologia do trabalho e à sociologia da música. Um dos autores que nos auxiliaram a encaminhar nossas reflexões, e talvez tenha sido nossa maior fonte de inspiração, foi o filósofo Theodor W. Adorno (1975), autor que é referência quando pensamos em sociologia da música. Além disso, para compreendermos as relações de trabalho nas orquestras sinfônicas, realizamos entrevistas com músicos experientes nesse meio, nas cidades de Londrina e São Paulo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nas entrevistas, nos baseamos na proposta metodológica que se encontra em *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi, e que foi aplicada por Paulo Salles de Oliveira, na obra *Vidas Compartilhadas: cultura e co-educação de gerações da vida cotidiana* (1999), e por Eide Sandra Azevedo Abreu em *O reparo de objetos no tempo do descartável: resistência e preservação* (2004). Conforme os autores, a entrevista deve ser realizada numa perspectiva de alternância entre *sujeito* e *objeto*, isto é, de forma que a troca entre entrevistador e entrevistado seja algo constante, assumindo o entrevistado também a posição de *sujeito*, como o entrevistador, e o entrevistador a posição de *objeto*, assim como o entrevistado.

Entrevistamos músicos residentes nas cidades de Londrina, Cambé e São Paulo, a maioria aposentados, por não termos tido tempo hábil para coletar a autorização da direção das orquestras sinfônicas – algo necessário para a pesquisa ser aprovada pelo Comitê de Ética e ser oficializada pela universidade, caso fossemos entrevistar músicos em atuação. Essa escolha teve um lado positivo, pois, desse modo, tivemos mais chances de conseguir respostas sinceras sobre o mundo da música erudita, visto que os participantes não estavam mais vinculados a nenhuma instituição, tendo liberdade para relatar suas vivências sem preocupações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as entrevistas realizadas, alguns relatos se destacam. Questionamos sobre a existência e as atribuições do mais alto cargo da orquestra, o maestro. Os musicistas de orquestra o veem como líder, um ser imponente e intocável, cujas ordens devem ser seguidas sem questionamento; afinal, "Ele é o chefe, né? O chefão. Ele que manda" – palavras de nosso entrevistado. Não é de estranhar que a maior parte dos relatos sobre conflitos ocorridos no ambiente orquestral referem-se ao atrito entre os músicos e o maestro.

A hierarquização das relações, na orquestra, parece intensificar o imaginário concorrencial disseminado pela sociedade burguesa; até o colega de estante é um "inimigo". Há disputa para decidir quem é o melhor musicista e, segundo as palavras de um de nossos entrevistados, "Você não é amigo de ninguém".

Quando os musicistas se depararam com a pergunta que questionava se se sentiam pressionados pelas pessoas ao seu redor, isto é, se seus colegas exigiam muito de seu trabalho, a resposta quase unânime foi de que ninguém os cobrava tanto quanto eles mesmos. Além de aderir a uma disciplina rígida, muitos seguem crendo no imaginário nada realista da meritocracia, trabalhando/praticando até a exaustão na tentativa de alcançar grandeza. Tomam o fator individual como único determinante do resultado de seus esforços, culpabilizando-se pelo próprio fracasso, caso não atinjam objetivos quase utópicos. Esse modo de pensar trata as relações sociais como fator insignificante na trajetória do artista.

Notamos, também, que a relação do musicista com a música pode carregar ambiguidade. Sem dúvida, os músicos que entrevistamos amavam seus ofícios; percebemos isso nitidamente ao ouvi-los falar. Entretanto, seus relatos nos sugerem a questão: até que ponto essa relação de amor não envolve uma relação de opressão? A busca de produtividade excessiva e constante consome a maior parte do tempo do musicista, dificultando qualquer forma de viver para além da orquestra. Durante as entrevistas, alguns músicos queixaram-se da falta de tempo para passar com seus familiares; um deles divorciou-se por não conseguir estar presente na vida de sua companheira. Esses acontecimentos foram narrados com tristeza e culpa, nítidos no olhar dos entrevistados. Tratando-se de produção artística, talvez o sofrimento seja inevitável independentemente do regime em que estivermos; é comum o registro, por exemplo, de que grandes nomes da música renascentista e barroca tenham tido fins trágicos. Mas, sem dúvida, a transformação da concepção de tempo e produtividade decorrentes da hegemonização do capitalismo intensificou o sofrimento de todos.

Todos os participantes afirmaram que ganhavam muito bem pelo trabalho na orquestra (muitos se gabaram disso) e que, somente com o salário da instituição, tinham o suficiente para viverem uma vida de qualidade. Porém, nenhum deles trabalhava somente no ambiente orquestral. Fosse dando aulas, realizando cachês, ou, até mesmo, realizando outros trabalhos para além do meio artístico, eles seguiam num turbilhão de obrigações e compromissos que não lhes dava tempo nem para ficar ao lado de seus entes queridos. Afirmar que eles realizavam essas escolhas visando somente o enriquecimento financeiro é uma explicação rasa, visto que a maioria deles vinha de famílias abastadas economicamente, e, como salientamos anteriormente, o salário da orquestra era alto – bem alto. Parece-nos apropriado supor a influência do imaginário capitalista na mente de todos, o que lhes geraria grande dificuldade de gozarem do ócio. Segundo declaram os entrevistados, estavam quase que a todo momento *precisando* trabalhar para não enlouquecer. Um deles possuía outro trabalho além da orquestra e, em dado momento, disse-nos que, sendo estatutário em ambos os contratos, nunca tirava, ao mesmo tempo, licença-prêmio nos dois. Ao ser questionado sobre o motivo dessa decisão, sua resposta foi intrigante: "Eu tinha que fazer alguma coisa, senão ficava louco". Loucura. O ócio gerava perturbação na mente de nosso musicista.

As relações de trabalho mostraram-se mais complexas do que considerávamos de início. De fato, os músicos passavam por todos esses conflitos relacionados à autocobrança e produtividade excessiva; porém, verdadeiramente amavam seus trabalhos, ao ponto de, alguns, não se considerarem trabalhadores,

justamente por se sentirem privilegiados por trabalharem na orquestra, argumentando que tinham mais direitos do que os existentes na maioria dos outros empregos. Outro argumento utilizado para afastar a associação do musicista com o trabalhador "convencional" foi o da inutilidade da música, em contraposição à necessidade do *trabalho* ser útil à sociedade. Diferentemente do ofício praticado pelos médicos e engenheiros, por exemplo, se um músico de orquestra desafina, disse o entrevistado, nada acontece; seu erro ou acerto não interfere verdadeiramente na vida das pessoas, por isso, trabalhar com música é um fazer *inútil*.

CONCLUSÕES

Nossa hipótese inicial, de que as relações sociais de trabalho do mundo capitalista influenciariam as relações no interior das orquestras sinfônicas, comprovou-se correta. Contudo, as orquestras não apenas refletem algo existente em outros setores produtivos, mas sim engendram seu próprio modo de funcionamento e uma percepção única entre aqueles que nela trabalham. Os musicistas têm suas crenças e valores moldados ao longo de suas trajetórias na orquestra, a partir de experiências com a música e das relações sociais com seus colegas de trabalho, ao mesmo tempo em que transformam a instituição a qual fazem parte. Desse movimento dialético, em que o músico é influenciado pela orquestra e a orquestra é influenciada pelo músico, surgem relações de trabalho singulares, mas, *pari passu*, mescladas aos valores capitalistas introjetados pelos musicistas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Eide Sandra Azevedo***. O reparo de objetos no tempo do descartável***: **resistência e preservação**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2004.

ADORNO, Theodor W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: BENJAMIN, Walter et al. **Escola de Frankfurt: textos escolhidos.** Seleção de Zeljko Loparic e Otília B. Fiori Arantes. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 173-199.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 37-39.

DECCA, Edgar Salvadori de. **O nascimento das fábricas**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

OLIVEIRA, Paulo de Salles**. Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana.** São Paulo: Hucitec, 1999. p. 49-66.

SEGNINI, L. R. P. Diferenças entre homens e mulheres traduzidas em desigualdades nas relações de gênero. **Revista Katálysis**, v. 13, n. 1, p. 9-10, jan. 2010.